



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

OS NOMES "CALE" E "PORTUCALE". PLANO DE ESTUDO.

BASTO, Cláudio

Ano: 1940 | Número: 50a

Como citar este documento:

BASTO, Cláudio, Os Nomes "Cale" e "Portucale". Plano de estudo. *Revista de Guimarães*, Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, 1940, p. 83-94.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

OS : NOMES : “CALE” : E “PORTUCALE” PLANO • DE • ESTUDO

PELO DR. CLÁUDIO BASTO
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



OMEÇO pelo respigo do que, relativamente aos topónimos *Cale* e *Portucale*, importa ao meu intuito.

A mais antiga forma que se conhece é *Cales*. Vem nos *Fragmentos das Histórias* de Salústio (séc. I a. C.), referidos por Sérvio: *Cales civltas est Campaniæ... est et in Gallæcia...*, — portanto, na margem direita do rio Douro (1).

Como é natural, os historiadores e geógrafos antigos adaptavam à pronúncia e ao alfabeto das respectivas línguas, grega e latina, os nomes bárbaros da Península, chegando, desdenhosamente, a abreviá-los, e até a substituí-los

por nomes das próprias línguas (2). É possível que o *s* de *Cales* abrevie ou condense qualquer som complicado (3). Em qualquer caso, a forma *Cales* é de transmissão romana.

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa 1905, p. 29, n. 7, e III, Lisboa 1913, p. 140; «Cale e Portucale», in *Revista lusitana*, XXIX (1931), p. 51 (ou *Opúsculos*, V, Lisboa 1938, p. 31); «Primórdios do Porto», na cit. *Rev.*, XXXIV (1935), p. 315 (ou *Opúsc.*, VII, Lisboa 1938, p. 1395). A citação latina é conforme a ed. de Maurenbrecher, *Sallusti Historiarum Reliquiæ*, Lipsia 1891-1893, III, 43. Voss emendou, com acêrto, *Gallia*, que se lê no códice, para *Gallæcia* (Cf. *Religiões*, locc. citt.). — Vid. também: Hübner, *Monumenta Linguae Ibericæ*, Berlim 1893, p. 227, e Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, Lipsia 1896, vol. I, p. 695, s. v. *Cales*.

(2) Cf. Humboldt, *Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne à l'aide de la langue basque*, trad. fr. de M. A. Marrast, Paris 1866, pp. 8-9, 80, 112 e 116-117. Ai, a propósito, se referem passos de Plínio, Pompónio Mela, e Estrabão.

(3) Cf. Humboldt, obra cit., p. 64.

Volvido longo tempo, aparece a forma *Calem*, no *Itinerário* de Antonino (séc. IV) ⁽¹⁾. *Calem* é forma de acusativo.

Na segunda metade do séc. V, surge, na Crónica de Idácio, a forma *Portucale* (sendo *Cale*, agora, indeclinável) ⁽²⁾:

Rechiarus ad locum, qui Portumcale appellatur... (p. 29, § 175);

Aioulfus dum regnum Suevorum sperat, Portucale moritur mense Junio (p. 30, § 187);

et Portumcale castrum idem hostis invadit (p. 31, § 195) ⁽³⁾.

No ms. do séc. VII-VIII, cód. parisiens. n.º 10.910, da Crónica de Fredegário, lê-se, em passo correspondente ao penúltimo citado, *Portugale*, e, no passo correspondente ao último, *Portugali* ⁽⁴⁾. Em passo similar ao último, encontra-se no cód. berlin. da mesma obra (séc. IX) *Portocale* ⁽⁵⁾.

Aparece também *Portocale* em moedas visigóticas, cunhadas por Leovigildo (séc. VI), Recaredo I (que reinou de 586 a 601), Liuva II (séc. VII) e Sisebuto (séc. VII) ⁽⁶⁾.

Na *Hist. Gothorum* de S. Isidoro (séc. VII), lê-se: *ad locum Portucale* ⁽⁷⁾.

«Como a Crónica de S. Isidoro — diz o Dr. Leite de Vasconcelos — relata acontecimentos que vão até o ano de 624, e como no ms. de Fredegário do século VII-VIII vem já *Portugale*, podemos, a julgar desses documentos, concluir que a data em que -g- substitue gráficamente -c- oscila, pelo menos, do século VII para o VIII ⁽⁸⁾».

O anónimo de Ravena (séc. VII?) apresenta, por sua vez, a forma *Calo* ⁽⁹⁾. A geografia, porém, deste geógrafo não merece crédito, nem quanto à exacção dos nomes, nem quanto à situação dos lugares ⁽¹⁰⁾.

Num documento de 922 (N.º XXV de *Diplomata et Chartæ*), fala-se de *uilla*

⁽¹⁾ Cf. Emilio Hübner, *Noticias archeologicas de Portugal*, Lisboa 1871, p. 98. — Parte do *Itinerário*, conforme a ed. de Parthey & Pinder, Berlim 1848.

⁽²⁾ A respeito de *Cale* e *Portucale*, Cf. J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia portuguesa*, 2.ª ed., Lisboa 1926, p. 324, s. v. *Cales*.

⁽³⁾ *Monumenta Germaniæ Historica*, vol. II, ed. de T. Mommsen, apud J. Leite de Vasconcelos, «Bibliografia — Portugalia», in *O Archeólogo português*, XI (1906), p. 322 (ou «Portugal & Portugalia», in *Opúsc.*, III, Lisboa 1931, pp. 349-350).

⁽⁴⁾ Apud J. Leite de Vasconcelos, *Opúsc.*, III, pp. 349-350. — Reportar-me-ei, daqui em diante, aos *Opúsc.*

⁽⁵⁾ *Ibid.*, p. 350.

⁽⁶⁾ Vid. J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, p. 577, n. 4; *Opúsc.*, III, p. 350; *Etnografia portuguesa*, I, Lisboa 1933, p. 8, n. 2, e II, Lisboa 1936, p. 222. Pelo Dr. J. Leite de Vasconcelos são apontados os autores que trataram do assunto: Heiss (também referido por Hübner, *Monumenta Linguae Ibericæ*) e outros.

⁽⁷⁾ Ed. de Mommsen nos *Chronica minora*, p. 280 § 31, apud J. Leite de Vasconcelos, *Opúsc.*, III, p. 350.

⁽⁸⁾ J. Leite de Vasconcelos, *Opúsc.*, III, p. 350.

⁽⁹⁾ Ed. de Pinder & Parthey, Berlim 1860, p. 307, apud *Religiões da Lusitânia*, II, p. 29, n. 7.

⁽¹⁰⁾ Cf. Humboldt, obra cit., p. 77. — Acerca de *Calo*, Vid. *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, de Pauly-Wissowa (vol. III, Estugarda 1899), art. de Ihm.

OS NOMES "CALE" E "PORTUCALE"

de portugal (*villa* = «quinta») [nêle se encontrando também *in portugal*, *in portugale*, *De portugal*] (1). A *vila de Portugal* era na margem esquerda do rio Douro. *Portugal* < *Portugale*.

Nas supostas actas do concílio de Lugo, vem:

Ad Sedem Portugalensem in Castro novo, e Portucale Castrum anticum (2).

Êste concílio figura como realizado no ano de 569 (*Concillium apud Lucum habitum à Theodomiro Principe, Era DCVII. Anno Christi DLXIX*,—como se lê na *Espanha Sagrada*) (3), mas as supostas actas não são do tempo do concílio. Alberto Sampaio julga-as da época novi-goda (4) (séc. VIII a séc. XI) (5), citando Jerónimo Contador de Argote, *Memorias para a Historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga* (6).

Verifica-se, pelas supostas actas, que *Portucale castrum antiquum* ficava na margem esquerda do rio Douro, e que, portanto, existiam dois lugares com o mesmo nome *Portucale*,—um na margem direita, e outro na margem esquerda.

Idácio (séc. V) falara de *Portumcale castrum* na margem direita, e agora fala-se de *Portucale castrum antiquum* na margem esquerda, e de *castrum novum* na margem direita. Como explicar isto? Em *Portucale castrum antiquum*, êste adjectivo quere dizer «do período visigótico»: construído no tempo dos Visigodos. Em relação a êste castelo, é o da margem direita *novo*, por se tratar de fortificação posterior aos Visigodos,—construída no tempo de D. Afonso III de Lião (866-910) (7). O castelo *antigo* já não existia, mas os homens da restauração novi-goda—como diz Alberto Sampaio—reportavam a «antiguidade» ao período visigótico (8).

Depois da invasão dos Mouros, aparece-nos o *castrum* de *Mahamuti* (*Mahmude*)—«Mafamude»—, que veio a tornar-se o *Burgo velho do Pôrto*, absorvido, ao fim, por Vila-Nova-de-Gaia,—ao qual se opôs o *Burgo novo*, área dada por D. Teresa ao bispo D. Hugo e cujo centro era a sé (9).

E, por último, a denominação *Pôrto* (10).

(1) *Portugalix Monumenta Historica—Diplomata & Chartæ*, vol. I, Lisboa 1867, p. 16.

(2) Vid. *Espanha Sagrada*, tómo XL, Madrid 1796, p. 342. Cf. t. IV, 2.^a ed., Madrid 1756, p. 132 (onde se lê *antiquum*).

(3) T. XL, p. 341. Cf. t. IV, 2.^a ed., p. 131.

(4) Alberto Sampaio, *Estudos historicos e economicos*, Pôrto 1923, vol. I, p. 273.

(5) Cf. J. Leite de Vasconcelos, *Opúsc.*, V, p. 29 n. 1; Alberto Sampaio, obra cit., I, p. 45.

(6) T. II, p. 804 (Documento I).

(7) Alberto Sampaio, obra cit., I, pp. 273-274; J. Leite de Vasconcelos, «Cale e Portucale», in *Rev. lusit.*, XXIX, p. 53 (ou *Opúsc.*, V, p. 35).

(8) Alberto Sampaio, obra cit., I, pp. 273-274, e Cf. p. 45.

(9) Vid. Viterbo, *Etucidário*, s. v. *burgo*; Alberto Sampaio, obra cit., I, p. 275; J. Leite de Vasconcelos, *Opúsc.*, V, p. 30, n. 2; etc.

(10) Acêrca da denominação e extensão da «terra» ou «território» portuguesa, Vid. J. Leite de Vasconcelos, *Opúsc.*, III, 350, *Etnografia portuguesa*, I, pp. 8 e segs., pp. 19-20, e II, pp. 217 e segs.; Paulo Merêa, *Algumas palavras sobre Portugal no século IX*, Lisboa 1930 (1931 na capa) (Sep. da *Rev. da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, 1930), «Mais algumas palavras

REVISTA DE GUIMARÃES

Vimos, por esta recopilação, as formas toponímicas de que há notícia, desde *Cales* a *Pôrto*, e vimos que o mesmo topónimo intermediário *Portucale* aparece numa e noutra margem do rio Douro — o que exige explicação.



Quanto ao nome *Cales*, *Calem* ou *Cale*, nada se pode afirmar, definitivamente, — a não ser que é de origem pre-romana.

Seria conveniente reunir todos os nomes geográficos de proveniência pre-romana, nos quais entrasse *cal*, *gal*, assim, ou modificado, — e estudá-los em conjunto, não só à luz da história e da arqueologia, mas também à da etnografia e da topografia. O estudo filológico não deverá perder de vista as condições dos locais (sempre que a localização seja possível). Sabe-se como os nomes comuns contribuem para a adopção de nomes próprios geográficos, e como, neste caso, desempenham papel importante os nomes relativos às condições físico-geográficas dos locais (ou das proximidades).

Evidentemente, há raízes comuns ou parecidas em línguas diversas, assim como, na mesma língua, sob *uma* forma, podem apresentar-se raízes com significados diferentes.

Aparecem nomes semelhantes geográficos vindos de origens distintas, como aparecem palavras da mesma forma e da mesma significação em línguas muito afastadas umas das outras ⁽¹⁾. Além disso, raízes, e palavras, podem passar de umas para outras línguas, — adoptadas ou adaptadas.

O estudo comparativo dos nomes geográficos, desde todos os pontos-de-vista, levaria a identificar e separar raízes, a destrinçar grupos de topónimos segundo essas raízes — e talvez se chegasse, por visão de conjunto assim larga e profunda, a conclusões objectivas satisfatórias relativamente ao nome *Cale* de que se trata.

Estudo complicado, para que necessário era, sempre com a referida visão de conjunto, não só coligir os elementos de toda a espécie já obtidos até hoje, mas ainda procurar elementos novos, — sorte de trabalho, sob qualquer aspecto, fora das minhas predilecções investigadoras e da minha competência.

Vejamos simples amostra de raízes que é possível ir buscar para o topónimo *Cale*.

sobre Portugal», in revista *Portucale*, X (1937), pp. 12-16, «Voltando à carga», na mesma rev. portuense, XII (1939), pp. 121-124, e *Administração da terra portuguesa no reinado de Fernando Magno*, Pôrto 1940 (Sep. da mesma rev., XIII, 1940).

(1) Cf. Humboldt, obra cit., p. 96, e A. Meillet, *Introduction à l'étude comparative des Langues indo-européennes*, 6.^a ed., Paris 1924, p. 3.

OS NOMES "CALE" E "PORTUCALE"

Para Hübner, a raiz é ibérica, posto que também seja freqüente nos domínios célticos (1).

Diz Humboldt serem muitas as palavras bascas em que entra *cal, gal*, — parecendo-lhe, porém, duvidoso o étimo ibérico de *Cale* (2). Regista, no entanto, *car, gar*, freqüente na formação de palavras vasconças, com a significação, quasi sempre, de «alto», «altura» (3), e, desta mesma família, também *gara* ou *gora*, com igual significação (4). Até *co, go* pode exprimir ideia de «altura» (5). Todavia, Humboldt não relaciona nenhum destes elementos com *cal, gal*.

H. Gavel, por seu lado, regista a referida palavra *gara* «altura» «lugar elevado», e não hesita em considerá-la correspondente a *cala* ibérico (6).

Em nomes lígures, a *car, cer*, alia-se ideia de «altura», diz Marrast (7).

Na interpretação de *Calahorra*, lat. *Calagurris* e *Calagurra*, houve quem atribuisse a *cala-* a significação de «castelo» (8) e também a de «água» (9). R. Menéndez Pidal, para contrariar os investigadores que pretendem ver no segundo elemento de *Calahorra* um adjectivo que signifique «vermelho», recorda «los nombres *calahorra* y *calahorrilla*, apelativos que significan «castillo, torre», o «alholí, panera» (10).

K. Müllenhof lembrou-se do tema **cara-* «rochedo», da raiz *kar* — que é lígure e céltica —, para explicação do nome *Carrara*, primitivamente *Cararia* (11). No irlandês ant., encontra-se o nominativo-acusativo plural feminino *cara* «pedras», e o nominativo singular masculino *carn* = **car-no-s* «montão de pedras», e ainda o substantivo *carric* «rochedo», «pedra» (12).

(1) Vid. *Cale* in *Real-Encyclopädie der Altertumswissenschaft*, de Pauly-Wissowa (vol. já cit.). Vid. também *Monumenta Linguae Ibericae*.

(2) Humboldt, obra cit., p. 62.

(3) *Ibidem*.

(4) Obra cit., pp. 41-42, 62, 68, 69, 83 e 96.

(5) Obra cit., p. 25.

(6) H. Gavel, «Le problème basque», in *Revue de Géographie des Pyrénées et du Sud-Ouest*, Tolosa, t. II (1931), p. 227, apud Mendes Correia, *As Origens da cidade do Porto*, 2.ª ed., Porto 1935, pp. 26 e 33.

(7) Nota à trad. fr. de *Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne*, de Humboldt, já cit., p. 104 (nota 1).

(8) Cf. F. J. Simonet, *Descripción del reino de Granada*, Granada 1872, p. 317, e *Glosario de voces ibéricas*, Madrid 1888, p. 73; H. Schuchardt, in *Revista Internacional de Estudios Vascos* (Bilbau), III (1909), p. 240, — apud R. Menéndez Pidal, «Las vocales ibéricas» etc. in *Revista de Filología española* (Madrid), t. V (1918), p. 231 e n. 4.

(9) C. Jullien, in *Rev. Internac. de Est. Vascos*, II (1908), p. 789, apud R. Menéndez Pidal, loc. cit., p. 231, e n. 5.

(10) R. Menéndez Pidal, loc. cit., p. 231.

(11) K. Müllenhof, *Deutsche Altertumskunde*, III, p. 192, apud H. d'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª ed., t. II, Paris 1894, p. 196.

(12) Windisch, *Irtsche Texte*, t. I, p. 413, col. 1, s. v. *I. cara*; p. 413, col. 2, e p. 414, col. 1, — apud H. d'A. de Jubainville, loc. cit.

REVISTA DE GUIMARÃES

Talvez não seja despropósito apontar a tema céltico **gala-*, de que vem, no irlandês ant., *gal* «bravura», «acto de coragem», «façanha», *galach* = **galacos* «bravo» (1). Ainda há o irlandês ant. *galdae* = **gala-tio-s* «bravo» (2).

A. Holder menciona *Cales*, em *Alt-celtischer Sprachschatz* (3).

Não é preciso ir mais adiante, para se ver como é possível indicar ao topónimo *Cale* raízes várias, várias proveniências (4).

Mas ¿poder-se-ão separar *completamente, limitar em absoluto* línguas que se falaram em territórios onde viveram, com demora ou de passagem,—desde eras remotíssimas muito ennevoadas, quando não impenetráveis,—tribos de tantos grupos de povos, indígenas e estrangeiros?

Parece-me temerário fixar que esta ou aquela raiz é daquela ou desta língua,—pois raízes com a mesma ou idêntica forma podem aparecer em idiomas vários, ou por lhes ser comum o tronco, de língua pre-existente desconhecida, ou porque transitarem de uns para outros idiomas, ou por simples coincidência; seja pelo que for. Das línguas ibéricas sabe-se pouco (5).

No campo das hipóteses,—para mim, à primeira vista, raiz mais conveniente, em o nosso caso particular, seria uma que exprimisse ideia de «penedia», «penha». A mais notável característica do local é o seu aspecto penhascoso, impressionante para olhos de todos, sem dúvida ontem como hoje.

A raiz proposta para *Cararia* por Müllenhof — acima notada — vem reforçar talvez a admissibilidade de raiz idêntica, de uma língua ibérica, e que filológica e historicamente seja aceitável, para *Cale(s)* da margem do rio Douro. Todavia, só por estudos comparativos, de conjunto, efectuados convergentemente a todas as luzes,—e quando haja elementos bastantes para esses estudos—, se poderá chegar, porventura, a conclusões satisfatórias,—como disse e repito.

E vamos ao *Portu-*.



O P.^e António Carvalho da Costa diz na sua *Corografia*:

«S. Salvador de Cabreiro, Abbadia dos Viscondes,.... tem duzentos & quarenta visinhos, & huma Aldea, que chamão Villela seca, aonde ordinariamente vive a

(1) Windisch, obra cit., I, p. 587, apud. H. d'A. de Jubainville, obra cit., II, p. 409.

(2) H. d'Arbois de Jubainville, *Les Celtes et les langues celtiques*, Paris 1882, p. 10, n. 1. O A. manda ver os exemplos que reuniu, relativamente ao tema *gala-*, na *Grammatica celtica*, 2.^a ed., p. 997, no fim da n. 14. Não pude ver esta gramática.

(3) Já cit., I, p. 695.

(4) Pouquíssimos elementos pude colher, infelizmente, por não conseguir haver à mão as obras que desejava, sobre o assunto.

(5) Cf.: J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, II, pp. 85 e segs.; W. Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, 3.^a ed., Heidelberg 1920, p. 20; R. Menéndez Pidal, *Manual de Gramática histórica española*, 5.^a ed., Madrid 1934, p. 15; etc. Cito apenas obras de fácil consulta.—Vid. também F. Adolfo Coelho, «Ensaio de onomatologia celto-iberica», in *Revista d'Ethnologia e de Glottologia* (Lisboa), 1880-81, pp. 34 e segs..

OS NOMES "CALE" E "PORTUCALE"

gente muitos annos, & no tempo da primitiva Igreja, sendo inda quasi gentios, como os filhos vião aos pays velhos em fôrma, que não podião trabalhar o que comessem, tomavão-nos às costas, & os hião despenhar em uma lage escorregadia, que vae cahir no poço de Portocales no rio, que vem do Outeiro mayor, acima da ponte de Cabreiro» (1).

Este *Portocales* é muito curioso, porque logo nos faz lembrar *Portucale*, e porque... não existe (2).

O que existe é a forma *Portacale* ou *Portacal* (3).

O segundo elemento é, aquil, evidentemente, o lat. *canale*-, pois, a par com aquelas formas, usa-se ainda *Portacanle* ou *Portacãle* (4).

Trata-se da *passagem* do rio Cabreiro, afluente do Vez, rio aquêle que, antes de se lançar no *poço da Ola* (o tal «poço de Portocales» do P.^e Carvalho), toma a forma de *cale* ou *cañle* (como lá dizem). A *passagem*, em poldras, fica muito perto do poço, e por ela comunicam os lugares de Vilela-Sêca e Vilar (da freg. de Cabreiro).

Há em o nosso país muitos lugares com o nome *Cale* ou *Cal*. Conviria estudá-los todos, para verificar se, na realidade, êsse nome vem sempre do lat. *canale*-.

O primeiro elemento de *Portacale* entra em outros nomes de lugares, na mesma região: *Portacova*, para as nascentes do rio Vez, junto à «passagem» do rio (ponte); *Portamaceira*, para o norte de Portacale, e «passagem» do rio; *Portacerdeira*, a montante da confluência do rio Cabreiro e rio Vez; etc..

O *o* de *Porta* soa *u*, e o *a*, geralmente, não é aberto. Há quem diga *Purtàcerdeira*, e pessoas de alguma illustração dizem *Pôrto-Cerdeira*, como dizem *Pôrto-Couso*, em vez de *Purtacouso* (Lindoso) (5).

Parece que o primeiro elemento não é, propriamente, *Porta*, mas *Pôrto*, e que se deverá entender *Port' à Cerdeira* (*Pôrto à cerdeira*, *Pôrto* junto à cerdeira), *Port' à Maceira* (*Pôrto* junto à maceira), *Port' à Cova* (*Pôrto* junto à cova), *Port' à Cale* (*Pôrto* junto à cale)..

Os que dizem *Pôrto-Cerdeira*, *Pôrto-Couso* confirmam que não é cabida, ou compreensível, nos mencionados compostos, a palavra *porta*, mas sim *pôrto*.

Efectivamente, na região, a *passagem* dos cursos de água é *pôrto*, e não *porta*.

(1) P. António Carvalho da Costa, *Corografia portuguesa, e Descripçam Topografica do famoso Reyno de Portugal*, etc., 2.^a ed., t. I, Braga 1868, pp. 202-203.

(2) Se o transcrito passo da *Corografia* do P.^e Carvalho fôsse... um fragmento das Histórias de Salústio, aí estávamos nós a falar da forma *Portocales*, assim mesmo, tomádo-a por exactíssima. E sendo o P.^e Carvalho o P.^e Carvalho, nada nos levaria a considerar *Portocales* como inexacta forma toponímica, se impossível nos fôra verificá-la. Isto vem para mostrar quanto é mau o encontro de formas toponímicas, insuladamente, sem possibilidade de verificação.

(3) Cf. F. Alves Pereira, «Glossario dialectologico do concelho dos Arcos de Valdevez (Alto-Minho)», in *Rev. lusitana* (Lisboa), XIX (1916), p. 205, s. v. *canle*.

(4) Cf. F. Alves Pereira, loc. cit.

(5) No *Censo da População de Portugal no 1.^o de Dezembro de 1911* — Parte VI. *Censo das Povoações*, Lisboa 1917, registaram *Pôrto Cerdeira* (p. 298) e *Pôrto-Cova* (p. 301).

REVISTA DE GUIMARÃES

Na região, — e fora dela. «Passagem de curso de água», «ponto onde se *passa*, se *atravessa* o curso de água», é, na realidade, o significado que, tradicionalmente, se dá ao vocábulo *pôrto*.

Era fácil amontoar exemplos, recorrendo à toponímia.

São bem conhecidos, porém, os *portos* do rio Mondego, e bem conhecidos são os versos do romance popular:

— Quedos, quedos, cavaleiros,
que el-rei os manda contar!
Contaram e recontaram,
só um lhe vinha a faltar:
era esse D. Beltrão,
fam forte no batalhar;
nunca o acharam de menos
senão naquele contar,
senão *ao passar do rio*
nos *portos de mal passar* (1).

Perfencem ao P.^o Martín Sarmiento as seguintes linhas:

... «citaré aquí dos instrumentos góticos anécdotos que he leido originales. Uno del tiempo de los Reyes Bermudos.... No es legible lo antecedente, pero sí esto: *quem dicunt de Isso sub porto de fratres*,....

«La voz *Isso* en las demarcaciones episcopales suele ponerse así: De Puente de *Isso*, de Puerto de *Isso*, y como en el instrumento no se puede discernir si *Isso* es *Aldea*, *Puerto* o *Puente*, me inclino a que será Puente, por el *quem dicunt*; pues como puerto ya se le añade el distintivo de *fratres*. Sepan los que no son gallegos que la voz *porto* o *puerto* en Galicia no significa *Puerto de Montes*, sino de paso o vado de un río: así el *Porto de fratres* sería el vado del río Ulla, y más abajo de *Puente de Isso* para el invierno» (2).

O significado originário do lat. *portus* não desdiz o que se está afirmando.

Em zende, *pəšu-š* é «vau», e *pəṛə-tu-š* é «ponte» (indo-irânico **pṛtu-š*); gaulês *ritu-* «vau»; bretão ant. *rit* e irlandês ant. *-rith* «vau»; alto alemão ant. *fur-t* «vau» (germ. **fur-đu-* de *pṛ-tú-*) (3); lat. *portu-s*, primitivamente «passagem» (4). A raiz

(1) Cf. Teófilo Braga, *Cancionero e Romancelro geral portuguez*, III, *Pôrto* 1867, p. 89.

(2) «Disertación sobre el origen o expresión de esta voz *Castellanos de Orense*», por el Rev. P. Martín Sarmiento, publicada por João Dominguez Fontela In *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos históricos y artísticos de Orense*, tomo XI (N.º 240, Maio-Jun. 1938), pp. 405-406.

(3) Vid. K. Brugmann, *Abrégé de Grammaire comparée des Langues indo-européennes*, trad. fr. de J. Bloch, A. Cuny e A. Ernout, sob a direcção de A. Meillet e R. Gauthiot, Paris 1905, pp. 141 e 369; A. Meillet, *Introduction à l'étude comparative des Langues indo-européennes*, 6.^a ed., Paris 1924, p. 236.

(4) Cf. K. Brugmann, obra cit., p. 369.

OS NOMES "CALE" E "PORTUCALE"

*per (por < *per) de portus também se conservou no verbo grego *peirō* «trespassar», «atravessar» (1). *Peirō* < *peryō.

H. d'A. de Jubainville supõe ser o gaulês latinizado *ritum* «vau», provavelmente, o acusativo singular de um tema masculino *ritu-* = **prtú-*, tema que explicaria o alemão *Furt* e o inglês *ford*, que vêm do germânico primitivo *jurđú-s* «vau», mas acha que, se há palavras idênticas, céltica e germânica, com o mesmo sentido, «vau», — nas outras línguas, as palavras idênticas não têm a mesma acepção. E, assim, — diz ele — «Le latin *portu-s* = **prtú-s* veut dire «port» et un port est autre chose qu'un «gué». Le zend *peretu* signifie «pont» et passer une rivière sur un pont est différent de la traverser les pieds dans l'eau» (2).

H. d'Arbois de Jubainville prendeu-se com a *maneira* ou *meio* de passar, não vendo o significado primitivo das palavras.

A passagem do curso de água pode ser feita a pé, a cavalo, de carro, de barco, em poldras, ou em ponte, mas não deixa nunca de ser, essencialmente, *passagem*, embora o nome se estenda à *maneira* ou *meio* de passar.

O *Elucidário*, de Viterbo, define: «Também [os nossos maiores] chamaram *Porto*, não só o vão de um rio caudaloso, onde se passa em barca; mas também o de qualquer ribeiro, onde se passa, ou a pé ou em carro, ou bêsta, ou em poldras, ou em ponte; sendo da razão do *Porto* o dar passagem, ou entrada»... (3).

As poldras e a ponte são «melhoramentos» para facilitar a *passagem*; são acessórios do *pôrto*, que para o caso não contam.

O *pôrto* é o sítio, entre uma e outra margem, por onde se *atravessa*, se *passa* o curso de água, seja de que maneira for. E tanto, que o «lugar» da margem, assim como pode tirar, de *passagem* ou *pôrto* do curso de água, o nome próprio de *Passagem* ou *Pôrto*, pode também tirar, do nome comum *vau*, o seu nome próprio, *Vau*. Há muitos lugares com estes nomes (*Passagem*, *Pôrto*, *Pôrto-do-Rio*, *Portuzelo*, *Vau*).

A ponte nem é construída no *pôrto* muitas vezes, mas noutro sítio mais acima ou mais abaixo, por conveniência da construção. A ponte pode ter nome com referência ao «pôrto» (*ponte do Pôrto*, no conc. de Amares (4); *pontelhão do Pôrto*, no lugar do Vale, conc. dos Arcos-de-Valdevez, etc.).

As acepções de *portus*, concordantemente, reduzem-se à fundamental de «passagem»: «entrada» (por mar, entre montes...), «porta» (de casa), «portorium», «armazém de mercadorias», «entrepósito»... (5); salientarei, no *Glossário* de Du Cange, a

(1) Vid. M. Bréal & A. Bailly, *Dictionnaire étymologique latin*, Paris 1898, s. v. *porta*; E. Boisacq, *Dictionnaire étymologique de la Langue grecque*, Heidelbergue-Paris 1903, s. v. *peirō*.

(2) *Les premiers habitants*, II, 361.

(3) *Elucidário*, 2.^a ed., s. v. *Porto*, e *Portella*.

(4) Cf. F. Alves Pereira, «Pontes medievais nos Arcos-de-Valdevez», in revista *Portucale* (Pôrto), vol. I, pp. 254-256.

(5) Vid. Du Cange, *Glossarium mediæ et infimæ Latinitatis*, etc., Paris 1845, e Freund, *Gr. Dictionnaire de la Langue latine*, Paris 1862, — s. v. *portus*.

REVISTA DE GUIMARÃES

acepção «navigium ad transvehendos itinerantes», ou, melhor, «fluminis trajectus» (1). Compreende-se bem a extensão do significado.

A tradicional acepção de *pôrto*, em português e galego, confirma, pelo que se vê, o primitivo significado de *portus*.

Pôrto, aplicado a cursos de água, começa por designar a «passagem» entre um e outro lado, e vai abrangendo, na sua designação, sucessivamente, os extremos dessa «passagem» (atracadouros, embarcadouros), os sítios contíguos a êsses extremos, e o que nestes sítios se desenvolve (entrepasto; «lugar», que toma frequentemente, como próprio, o nome comum).

Assim como *pôrto*, — passa a nome próprio o seu sinónimo *passagem*, como já disse. *Passagem* é, por exemplo, nome de um sítio na freg. de Lanheses e nome de «lugar» na freg. de Moreira-de-Geraz-do-Lima (conc. de Viana-do-Castelo), ficando aquêlê sítio e êste «lugar», pouco mais ou menos, em frente um do outro.

Em edital da Câmara Municipal vianense, lê-se:

«Faz saber: que na sua reunião de... se procederá à arrematação dos barcos de passagem de Moreira, Tôrre e Portuzelo»... (2).

Verifica-se a *passagem* do Lima não só nas aluras de Moreira, *Passagem*, mas também em *Portuzelo*. Na freg. de Cardielos, do mesmo conc., existe, na margem direita, o lugar de *Pôrto*, e, mesmo à beira-rio, o sítio do *Barco-do-Pôrto*, designação esta que se estendeu ao sítio fronteiro, da margem esquerda. Na freg. de S. Salvador-da-Tôrre, há «passagem», como se vê no edital, mas aí não existe «lugar» nem sítio com aquêlê nome, nem com o de *Pôrto*. Na margem direita do rio Minho, em frente a Caminha, há o lugar de *Pasaje*. Era fácil multiplicar os exemplos.

Tudo isto vem confirmar que *pôrto* é, originariamente, *passagem*, *atravessadouro*, «sítio onde se passa de um para o outro lado», com aplicação tradicional a cursos de água, em particular (3).

Postas estas razões preambulares, vou concluir.

(1) Ed. cit., s. v. *3.portus*.

(2) Edital publicado no periódico *A Aurora do Lima* (Viana-do-Castelo), de 6 de Dezembro de 1938.

(3) O Dr. Mendes Correia aludiu à significação popular, «passagem», do vocábulo *pôrto*, mas sem se fixar nela, e tendo em mente a *margem*: — «suponho mais admissível que «Portucale» significasse inicialmente o «pôrto de Cale» ou pôrto contíguo a Cale. Não pôrto, na acepção de grande pôrto de mar, mas na de entreposto mercantil ou até na de «passagem» que, outrora e ainda hoje, é dada em muitos pontos do país a vaus e passagens de rios. A passagem não era evidentemente no alto da colina castreja, fôsse ela qual fôsse, mas no rio, nas suas margens.» (*A Antiguidade do Pôrto*, Lisboa 1936, p. 36); «Compreende-se que para o trânsito e para o tráfico com o Douro se estabelecesse na época romana na margem dêste rio, um pôrto de serventia para Cale, um lugar preferido para a travessia do rio pelos que iam de Cale em direcção ao sul, e para abordagem dos que vinham do sul em direcção a Cale.» (*As Origens da cidade do Pôrto*, 2.^a ed., Pôrto 1935, pp. 64-65).

OS NOMES "CALE" E "PORTUCALE"

A palavra *portus* designaria, antes de mais nada, «atravessadouro» do rio, *passagem*, — significado que tradicionalmente se manteve, como se viu. *Portus* era nome comum, aplicável a qualquer ponto de travessia. Existiam, sem dúvida, vários *portus*: o rio era atravessado em pontos diversos, conforme o destino de viajantes ou mercadorias.

O *pôrto* que servia *Cale* não podia deixar de ser o mais importante, e tomou o nome de *Cale*, por ser natural tomar o nome do lugar que servia ou com que se relacionava, e também para se distinguir dos *portos* vizinhos: «*pôrto* de *Cale*», *portus Cale*.

Cale era, ao tempo, a única povoação próxima do mar ⁽¹⁾, e o *pôrto* que a servia completava, precisamente, um caminho natural, interrompido pelo rio Douro. Calcula-se a importância deste *pôrto*, pela sua especial situação, e como teria avultado essa importância quando a via romana veio substituir o caminho natural numa e noutra margem. O caminho e a via que o substituiu seguíam o fundo dos vales, que, na margem direita e na esquerda, desembocavam no Douro, um em frente do outro ⁽²⁾. O *pôrto* de *Cale completaria*, então, nada menos que a via romana — e bem se imagina o relêvo que a sua denominação, por isso, havia de alcançar.

Adquirindo este *pôrto* nomeada excepcional, pela sua situação privilegiada, pelo movimento de pessoas e mercadorias, e, por certo, ainda pela dificuldade natural que a esse movimento opunha à travessia (por barcos ⁽³⁾, em águas de corrente forte, às vezes perigosas, de longe a longe intransponíveis até): adquirindo este *pôrto* nomeada excepcional, — na sua designação o primeiro elemento seria o verdadeira-

(1) Cf., *mutatis mutandis*, Alberto Sampaio, obra cit., I, pp. 262-263, e F. Alves Pereira, «Geografia protohistórica da Lusitania», in *O Archeólogo português*, vol. XII (1907), p. 152 e n.

(2) O vale do «rio da Vila», na margem direita e — parece-me, à primeira impressão — o vale a que, hoje, corresponde a baixa nomeada «Fonte-Santa», na margem esquerda. Isto, dito de passagem, pois não trato, agora, de localizações. Todavia, não deixarei também de apontar o seguinte resumo de uns apontamentos (ms.) do pintor portuense Joaquim Marinho, falecido com idade avançada, em 1938: Em certa casa, demolida para abertura da rua de Mouzinho da Silveira, apareceu um arco interior, que tinha por remate um falo, trabalhado em alto relêvo na pedra. Chegado o caso ao conhecimento dos pudibundos vereadores, logo foi ordem para, no mesmo dia, a obscena pedra ser lançada à entulheira! Dois professores da Academia, Soares dos Reis e Geraldo da Silva Sardinha, — diz o anotador — ficaram indignados com a inutilização do arcaico documento. (Inform. do Dr. Pedro Vitorino, possuidor dos Apontamentos). A abertura da rua de Mouzinho da Silveira começou em 1880.

(3) No séc. XII, Edrici refere-se à «passagem» do rio em barcos próprios para isso, frente à alcaria Bona Qar. Vid. F. Alves Pereira, «Geografia protohistórica da Lusitania». in *O Archeólogo port.*, XII, p. 147. Explica o Dr. David Lopes: «O texto impresso diz: *Alcaria* (villa) *Bona* (por *Nova*: são de facilíma confusão em arabe) de *Qāl*, que é sem dúvida *Gaia*. O texto arabe tem *R* por *I* [Qār]; este, quando final, confunde-se facilmente com aquelle. Confirma-se esta identificação com as distancias que Edrici dá d'ahi e da foz do Douro ao rio Minho... David Lopes, «Os arabes nas obras de Alexandre Herculano», in *Boletim da Segunda Classe* (da Academia das Ciências de Lisboa), vol. III (1909-1910), Lisboa 1910, p. 247.

mente significativo. O primeiro elemento tornar-se-ia o mais vivo, obscurecendo-se a ideia da referência a *Cale*.

Assim se explica o aparecer o mesmo topónimo, *Portucale*, de um e outro lado do rio. Lugares, numa e noutra margem, tomaram para nome a denominação do pôrto — o qual era comum, um só para ambas as margens. Embora o pôrto se houvesse distinguido pela referência a *Cale*, a ideia desta referência foi-se apagando pela sobrelevância da ideia de *pôrto*, e — sublinho — o pôrto tanto era da margem direita como da esquerda, pois entre ambas estava.

Diz Alberto Sampaio: «Entre esses «portus» [do rio Douro, na região de que se trata (1)] na antiguidade tinham florescido dous que serviam a *Cale* (2), tornando-se por fim eminente o da direita, e no qual ficou sempre existindo, e acabamos de vê-la em exercício, no seculo X, a arte de construir e armar embarcações» (3).

Para Alberto Sampaio, os portos eram «sítios atracáveis» (4).

A ideia de «sítio atracável» anda, indubitavelmente, ligada à de «passagem», porque os rios eram *passados* a fim de se *entrar* em terra. A raiz **per* tinha mesmo a significação de «atravessar», para «entrar»: «achèvement d'un mouvement en avant, pénétrer jusqu'à» (5).

Todavia, a ideia de «passagem» mantinha-se em primeiro lugar, e assim se manteve até aos tempos modernos. Há hoje *portos*, «sítios atracáveis», e «lugares» com o nome *Pôrto*, nas proximidades de «sítios atracáveis», mas isso não tira que *pôrto* seja ainda, essencialmente, sítio de «passagem», «atravessadouro», como acima se frisou e documentou. Acrescentarei agora que, para o Sul, também assim é. «*Pôrto* — Lugar, no ribeiro ou na ribeira, onde se passa facilmente a corrente» (Portel) (6).

O *Portucale* da margem direita floresceu, e, no seu nome, de tal maneira foi dominante o elemento *Portu-* e se obscureceu o elemento *-Cale*, que *PÓRTO* ficou sendo, por derradeiro, o nome da povoação.

(1) Alberto Sampaio comenta o seguinte passo do já citado doc. n.º XXV de *Diplomata et Chartæ* (séc. X): «dedit ipse rex et ipsi comites nabulum et portaticum de dorio in die sabbati de portu de allouirio et per totos illos portus usque in illa foce de durio ubi cadit in mare»...

(2) Para Alberto Sampaio, *Cale* era na margem esquerda.

(3) Obra cit., I, p. 282.

(4) *Ibid.*, loc. cit.

(5) Boisacq, *Dictionnaire étymologique de la Langue grecque*, s. v. *peirō*. Cf. Walde, *Latelnisches etymologisches Wörterbuch*, Heidelbergue 1910, s. v. *portus*.

(6) Vid. J. A. Pombinho Júnior, *Retalhos de um vocabulário* (Sep. da *Rev. lusitana*, XXXVII), Pôrto 1939, p. 42. — Pelo que toca ao Alentejo, arquivarei mais o seguinte: «Os ribeiros correm em leitos profundos, tornando-se perigosos no tempo das chuvas pela deficiência de pontes, sendo necessário procurar os baixos ou *portos*, como os denominam no concelho [de Portel], para se poderem atravessar»... «sítios menos fundos que só os práticos conhecem e denominam *portos*; e estes mesmos chegam a estar invadeáveis na ocasião das grandes cheias». «Monografia do Concelho de Portel», in *Boletim da Direcção Geral de Agricultura*, Ano VI, n.º 10, Lisboa 1897, p. 999 e p. 1001, apud Pombinho Júnior, obra cit., p. 43.